

## **História da Ciência a partir das ideias de Paulina Luisi e Renato Kehl sobre Educação Sexual: Uma Análise do Boletim de Eugenia (1930)**

### **History of Science from the ideas of Paulina Luisi and Renato Kehl on Sexual Education: An analysis of the Boletim de Eugenia (1930)**

**Angelo Tenfen Nicoladeli**

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica  
(PPGECT/UFSC)  
angelonicoladeli@hotmail.com

**Mariana Brasil Ramos**

Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica  
(PPGECT/UFSC)  
marianabrasilramos@gmail.com

#### **Resumo**

A inclusão da História e Filosofia da Ciência (HFC) na Educação em Ciências tem como um de seus objetivos evitar visões distorcidas sobre a ciência, na medida em que enfatiza seu caráter social e histórico. O Movimento Eugênico, nesse sentido, tem um grande potencial para discussões sobre HFC, já que sua história representa um exemplo privilegiado das interconexões entre ciência, tecnologia e sociedade, na qual uma diversidade de preconceitos raciais, étnicos e de gênero materializam-se em concepções e práticas científicas. O objetivo desse artigo é apresentar um estudo de caso histórico por meio da análise documental do Boletim de Eugenia comparando as concepções sobre educação sexual de Paulina Luisi e Renato Kehl. Defendemos que tal comparação faz emergir discussões sobre o movimento eugênico e a história da educação sexual na América Latina.

**Palavras chave:** HFC, História da Educação Sexual, Natureza da Ciência, Eugenia.

#### **Abstract**

The inclusion of History and Philosophy of Science (HFS) in Science Education has as one of its objectives to avoid distorted views about science, as it emphasizes its social and historical character. The Eugenic Movement, in this sense, has great potential to raise discussions regarding HFS, since its history represents a privileged example of the interconnections between science, technology and society, in which a diversity of racial, ethnic and gender prejudices materialize in concepts and scientific practices. The main goal of this article is to introduce a historical case study through the documentary analysis of the Boletim de Eugenia

comparing the concepts of sexual education by Paulina Luisi and Renato Kehl in order to raise discussions about the eugenic movement and the history of sex education in Latin America.

**Key word:** HFS, History of Sex Education, Nature of Science, Eugenics.

## Introdução

A inserção de História e Filosofia da Ciência (HFC) na Educação Científica tem como objetivo impedir que se formem visões distorcidas sobre ciência, ao expor seu caráter social e histórico (BATISTA e SILVA, 2018; GIL-PÉREZ, 2001). Martins (2006) aponta que HFC tem potencial de levar alunos a compreenderem que a ciência “não brota pronta na cabeça dos grandes gênios” e que não é a aplicação do “método científico” que permite chegar à verdade, mas um processo de construção coletiva de conhecimento.

Matthews (1992) enfatiza que HFC não é a solução dos problemas educacionais, entretanto, é fonte importante de reflexão que aprimora o processo de ensino e aprendizagem. Assim, a HFC pode humanizar o ensino de ciências e promover uma (re)conexão do aluno ao conhecimento científico. Moura e Silva (2018) e Pereira e Amador (2007) indicam a necessidade de incluir e utilizar a HFC na formação de professores e de ensino de ciências e biologia escolar, pois estas levam à construção de uma concepção mais crítica do fazer científico.

O Movimento Eugênico, nesse sentido, tem grande potencial para discussões sobre HFC, pois sua história representa um exemplo privilegiado das interconexões entre ciência, tecnologia e sociedade, na qual uma diversidade de preconceitos raciais, étnicos e de gênero materializam-se em concepções e práticas científicas. Destaca-se o caráter social e político da ciência, explícito e documentado na construção deste movimento histórico.

No tocante às relações entre eugenia, educação e ensino de ciências, Teixeira e Silva (2017) indicam que, entre 1964 e 2014, em periódicos nacionais e estrangeiros, houve pouca representatividade de publicações na área: apenas 20 artigos em 50 anos. Em grande parte deles, a relação entre eugenia e nazismo foi a mais abordada e exemplos em países da América Latina não foram encontrados.

Também cumpre dizer que é comum, entre biólogos e professores de biologia, a crença de que a eugenia é uma pseudociência, posicionamento que isentaria a disciplina de trabalhar numa perspectiva histórica, explicitando relações sociais instituídas cientificamente e suas implicações - que perduram até hoje, materializadas no racismo, misoginia e outras formas de opressão.

Considerando a ausência de discussões sobre eugenia da América Latina voltadas para a Educação em Ciências e o potencial do tema para discussões que estabeleçam relações entre Ciência e Sociedade, **traçamos uma análise comparativa entre os posicionamentos de dois eugenistas que defenderam propostas de educação sexual no Boletim de Eugenia (periódico brasileiro da década de 1930): Paulina Luisi e Renato Kehl.**

## Paulina Luisi e Renato Kehl: diferentes razões para uma mesma defesa

O Boletim de Eugenia foi a principal revista de divulgação do pensamento eugênico no Brasil. Publicado entre 1929 e 1933, sob direção do médico Renato Kehl, tinha como objetivo “auxiliar

a campanha em prol da Eugenia [...] Tudo resumidamente, tudo em linguagem simples e clara” (KEHL, 1929 p. 1). O periódico circulou mensalmente nos três primeiros anos e trimestralmente nos dois últimos, com uma tiragem média de mil exemplares.

Em 1930, Kehl organizou um “Inquérito sobre Educação Sexual”, cujas respostas foram publicadas no volume 24 do Boletim. Isso porque, para alguns eugenistas, a educação sexual era uma ferramenta potente para evitar a degeneração<sup>1</sup> da espécie (outras propostas feitas pelo movimento eram a esterilização, aborto eugênico e extermínio). Paulina Luisi e Renato Kehl têm seus posicionamentos publicados, sendo a resposta de Renato uma cópia do texto apresentado em 1928, no 1º Congresso de Educação, em Curitiba, e a resposta de Paulina uma tradução<sup>2</sup> de um de seus textos que havia sido apresentado no ano de 1923 no Congresso Internacional de Hygiene, em Paris.

Graduados em medicina, Renato Kehl e Paulina Luisi deixaram suas marcas na história da eugenia na América Latina e na defesa da educação sexual como ferramenta de “regeneração” da espécie humana, em trajetórias controversas que caracterizaram o movimento eugênico.

Renato Kehl (1889-1974) nasceu em Limeira, interior de São Paulo. Cresceu em uma família católica, cujos valores sociais emergiram da classe média paulista da passagem do século XIX para o XX (SOUZA, 2019). Graduou-se em farmácia, mas optou por seguir carreira em medicina. Foi um dos fundadores da Sociedade Eugênica de São Paulo, em 1918, e um dos organizadores do Congresso Brasileiro de Eugenia (1929).

Paulina Luisi (1875-1950) nasceu na Argentina e com poucos anos de vida se mudou com sua família para o Uruguai. Formou-se em medicina em 1908 e foi a primeira mulher uruguaia a ter diploma universitário (SAPRIZA, 2011). Foi uma das fundadoras do *Partido Socialista del Uruguay* em 1907 e figura importante na constituição do movimento feminista daquele país: lutou pelos direitos de saúde, civis, políticos e educativos das mulheres. Em 1913, foi enviada à França para estudar higiene social e foi professora de *Higiene Social y Educación Profiláctica* na *Escuela Normal* de Montevideo. Em sua produção intelectual, mesclava tanto o feminismo de primeira onda, quanto a defesa da educação sexual e eugenia.

Neste estudo, comparamos as respostas de Kehl e Luisi no Boletim de Eugenia quanto às seguintes categorias: definição de educação sexual; se meninos e meninas devem estar juntos ou separados nesse processo; e responsabilidade pela educação sexual.

## Definição de Educação Sexual

Para Renato Kehl:

A educação sexual constitui uma das questões principais da campanha em prol da defesa humana, porque ela tem por fim inculcar na consciência popular a responsabilidade de cada indivíduo para consigo mesmo, para com os outros, em particular para com a família. (KEHL, 1930a, p. 1).

Para ele, a educação sexual é uma ferramenta persuasiva que cria o que ele chama de consciência eugênica, ou seja, a compreensão de que todo cidadão tem o dever e a obrigação de ao menos buscar produzir uma “boa descendência”:

Impõe-se como medida de preservação individual e coletiva, baseado no mais alto interesse da espécie, que se proceda à educação sexual, gradual e

---

1 Diminuição, perda ou modificação das qualidades originais que caracterizam um ser vivo.

2 A tradução, aparentemente, foi feita pelo próprio Renato Kehl.

paulatina, das crianças, dos jovens e, mesmo dos adultos, a fim de que o mais nobre ato não continue a processar-se apenas sob o impulso instintivo, só compreensível e admissível entre os animais irracionais. (KEHL, 1930b, p. 3)

Além de defender que tanto crianças quanto jovens e adultos devam ser educados sexualmente, Kehl argumenta que essa educação deve frear os instintos sexuais, pois quem recebe essa educação deverá começar a compreender o ato sexual por meio de um prisma racional e científico. Como aponta Nancy Stepan (1991), o interesse de Kehl pela educação sexual tinha pouco a ver com visões radicais sobre a sexualidade ou papéis sexuais, e estava intimamente relacionado com a ideologia conservadora da época, bastante influenciada pela igreja católica, que postulava a importância da unidade familiar.

Com certa semelhança, Paulina Luisi definia a educação sexual como: “[...] a ação pedagógica que pretende submeter o instinto sexual à ação da vontade sob o domínio da inteligência instruída, consciente e responsável” (LUISI, 1930, p. 3). Assim como Kehl, ela define o papel da educação sexual como ferramenta que deve frear o instinto sexual, transformando-o em vontade racional e civilizada.

### **Meninos e Meninas: juntos ou separados**

Enquanto Kehl defende que meninos e meninas devam estar separados nas aulas de educação sexual, Luisi argumenta a favor da coeducação. Para ele: “Convém que as lições sejam separadamente para meninos e para as meninas, e adaptadas ao interesse dos respectivos sexos.” (KEHL, 1930b, p. 3). Com interesse dos respectivos sexos, devemos entender papéis de gênero distintos e hierarquizados (PEDRO, 2005).

Para Luisi:

Não deve estabelecer-se nenhuma diferença no ensino de ambos os sexos, nem em matéria de educação, nem em matéria de instrução. As escolas masculinas e femininas devem ter os mesmos programas enquanto não seja possível alcançar o *desideratum* da educação racional: A Coeducação. (LUISI, 1930, p. 5)

Essa distinção remete à influência do feminismo de primeira onda no pensamento da autora, já que o movimento tinha como uma de suas propostas a igualdade de direitos políticos, sociais e econômicos (PEDRO, 2005). Em seu texto *Plan y métodos de Enseñanza Sexual*, ela defende que deve existir apenas uma moral para ambos os sexos - esse seria um princípio necessário para uma moral social mais coerente com sua visão feminista liberal de primeira onda (RODRÍGUEZ ANTÚNEZ, 2019).

### **Responsabilidade pela Educação Sexual**

Paulina Luisi compreende que a educação sexual é tarefa conjunta da família e da escola: pais, mães e professores devem colaborar no mesmo objetivo. Todavia, quando se fala do ensino das ciências e da sexualidade, o(a) professor(a) deve ter prioridade:

As questões compreendidas no que se chama educação sexual devem estar a cuidado das pessoas encarregadas do ensino: professores e professoras para a escola primária, professores para o ensino secundário e normal. Para estes dois últimos, o ensino das questões sexuais será confiado aos professores das matérias a que pertençam estas questões. (LUISI, 1930, p. 5)

É notória a ênfase que ela dá ao papel dos professores: somente os docentes apresentam as habilidades necessárias para o correto desenvolvimento de questões científicas relativas à reprodução e à sexualidade. Por outro lado, Kehl enfatiza que não há consenso sobre a quem

deve competir esta responsabilidade, no entanto, tal dever “[...] deve caber indiscutivelmente à mãe” (KEHL, 1930b, p. 2).

Ele defende três níveis de educação sexual, em que os responsáveis são delineados de maneira diferente. No que chama de 1.<sup>a</sup> série, a educação sexual estaria a cargo da mãe ou da tutora, na 2.<sup>a</sup> série deveria ficar sob dever do pai ou do tutor e, por último, na 3.<sup>a</sup> série, essa responsabilidade caberia ao educador e ao médico (KEHL, 1930b). Quando se refere aos educadores, Renato escreve que cabe a eles “[...] a importante missão de esclarecer, de modo didático, e com certos detalhes, o importante problema da reprodução” (KEHL, 1930b, p. 3).

Os dois eugenistas possuíam visões distintas sobre quem deveria ser o responsável pela educação sexual: Paulina Luisi ressalta a importância dos professores, ao passo em que Renato Kehl enfatiza a educação realizada pelos pais, ao mesmo tempo em que iguala o papel de professores e médicos.

## Potencialidades do Boletim de Eugenia para a HFC na Educação

Analisando as respostas de Kehl e Luisi ao Inquérito sobre Educação Sexual organizado pelo Boletim de Eugenia, surgem algumas possibilidades de discussão no âmbito da HFC. Vamos tratar de duas delas: Eugenia e História da Educação Sexual.

### Eugenia

A comparação nos permite verificar como os preconceitos sociais e raciais influenciam concepções e práticas científicas, e como os valores da época se materializam no discurso de cada um dos eugenistas. Com o estudo do Boletim de Eugenia, constata-se que a eugenia foi um movimento socio-científico baseado em uma suposta nova compreensão das leis da hereditariedade humana, que propunha o aprimoramento constante das raças nacionais, seja incentivando os indivíduos “aptos” a se reproduzirem, seja impedindo os “inaptos” (STEPAN, 1991).

O texto também nos ajuda a desmitificar o que Adams (1990), ao investigar os movimentos eugênicos pelo mundo, estabeleceu como quatro grandes mitos sobre a eugenia:

- (1) que foi um movimento único, coerente e anglo-estadunidense, com um conjunto de objetivos e crenças comuns<sup>3</sup>;
- (2) que estava intrinsecamente ligada à genética mendeliana<sup>4</sup>;
- (3) que se tratava de uma pseudociência<sup>5</sup>;

---

<sup>3</sup> O estudo das ideias dos autores aqui abordados é um exemplo de que a eugenia foi um movimento bastante diverso e multifacetado.

<sup>4</sup> Apesar de no excerto abordado não haver menção explícita à linha seguida pelos dois personagens, suas propostas para a educação sexual são pautadas numa visão neolamarckista, que compreende o ambiente onde as pessoas vivem como um fator chave ao desenvolvimento eugenicamente saudável.

<sup>5</sup> Conhecer o Boletim de Eugenia (1929-1933), no contexto de periódico científico, editado por Renato Kehl, uns dos criadores do próprio periódico e uns dos responsáveis pela organização da Sociedade Eugênica de São Paulo (1918), já indica certas relações entre ciência e sociedade. Além disso, o caráter controverso presente no excerto analisado evidencia negociações entre cientistas nas propostas de políticas educacionais que derivam do movimento eugênico, demonstrando as influências mútuas entre ciência e sociedade.

(4) que se trata de um movimento político unicamente “reacionário”<sup>6</sup>.

## História da Educação Sexual

Com o estudo do Inquérito sobre Educação Sexual é possível problematizar alguns aspectos da História da Educação Sexual no Brasil, como a falsa ideia de que a educação sexual é um tema recente, uma área essencialmente moderna e que teria se desenvolvido a partir da década de 1980, com a epidemia de HIV (RIBEIRO, 2009).

O assunto já era tema de reflexão desde o começo do século XX: Paulo Ribeiro (2009, p. 129) atesta que “[...] desde as primeiras décadas do século XX, médicos, educadores e até sacerdotes dedicaram-se ao estudo e difusão, nos meios acadêmico e leigo, de obras sobre sexualidade, sexologia e educação sexual”. No entanto, é durante o terceiro momento da história da educação sexual<sup>7</sup> no Brasil que ocorre uma institucionalização dos saberes sexuais, na esteira das discussões sobre higienismo, sanitarismo e eugenia (RIBEIRO, 2009).

De acordo com Diana Vidal (2002), desde 1920 o tema<sup>8</sup> aparecia como estratégia eugênica de aperfeiçoamento da raça. Segundo a autora, é possível diferenciar os discursos no território brasileiro sobre a educação sexual ao longo da década de 1930 em dois grupos: laico e religioso. Enquanto o primeiro acreditava ser a escola (ensino coletivo - Estado) um espaço privilegiado para a educação da sexualidade, o segundo defendia a educação sexual apenas no lar (ensino individual - família). Essas visões<sup>9</sup> também foram verificadas nos posicionamentos antagônicos dos médicos que compõem esta análise do Boletim: o primeiro mais relacionado à visão de Paulina Luisi e o segundo à de Renato Kehl, demonstrando que mesmo os cientistas têm visões influenciadas pelo contexto histórico e social que vivenciam, uma questão importante quando discutimos sobre Natureza da Ciência.

Oliveira (2012), também sobre o desenvolvimento da educação sexual na década de 30 no Brasil, enfatiza que não se tratava de libertar o sexo de sua carga moralizante, mas de construir uma nova moral baseada na biologia, pautada no distanciamento do erotismo e do prazer, compreendendo o ato sexual em sua função unicamente reprodutora. Nada muito diferente do

---

<sup>6</sup> No entanto, o movimento se aliou tanto a projetos reacionários e conservadores quanto a projetos comunistas, anarquistas, liberais e até a movimentos feministas (ADAMS, 1990).

<sup>7</sup> Em Bueno e Ribeiro (2018) podemos encontrar uma periodização da História da Educação Sexual no Brasil em seis momentos. O primeiro momento está relacionado com o Brasil Colônia, o segundo ocorre no século XIX e se caracteriza pelo início da normatização do sexo pela moral médica, o terceiro ocorre nas primeiras décadas do século XX, especialmente a partir da década de 1920. A década de 1960 marca o quarto momento, onde a instabilidade política se mescla com o início da implementação de alguns programas de Educação Sexual. Em 1978, a abertura política assinala o quinto momento, enquanto o sexto momento acontece a partir de 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

<sup>8</sup> A eugenia pensava na reprodução humana não como uma atividade individual e como resultado da sexualidade humana, mas como uma responsabilidade coletiva e produtora de boa ou má hereditariedade (STEPAN, 1991). Em outras palavras, a educação sexual eugênica deveria impedir que a má hereditariedade se estabelecesse por meio da prescrição e normatização de comportamentos sexuais ‘saudáveis’. Ora promovendo a regeneração da raça, ora evitando a degeneração da espécie: era nessa esteira que trabalhavam os eugenistas em suas propostas de educação sexual.

<sup>9</sup> Mesmo com bases diferentes, os discursos laico e religioso se aproximam em certos pontos, como, por exemplo, na defesa da castidade até o casamento. Tanto sacerdotes quanto médicos, juristas e professores, apesar de emitirem seus discursos de posições diferentes, apontam para o mesmo sentido “[...] pretendendo controlar, e portanto, produzir, padrões normais de comportamento sexual, construídos a partir de representações de masculino e feminino na sociedade e constituindo, ao mesmo tempo, identidades de gênero.” (VIDAL, 2002, p. 72).

que propõe a Educação Sexual segundo a abordagem biológico-higienista hegemônica praticada (FURLANI, 2017), que se pauta numa ideia de separação entre biológico e social, natureza e sociedade, abordando a sexualidade desde um ponto de vista de saúde pública, prescritiva e higienista, cujas únicas mudanças estão relacionadas à finalidade: antes vinculada à melhoria da raça, hoje vinculada à manutenção da saúde pública.

Embora Nancy Stepan (1991) aponte que a Educação Sexual tenha sido umas das batalhas perdidas pelos eugenistas latinos, é importante compreender sua história e seu desenvolvimento, uma vez que essas ideias influenciaram outras fases da educação sexual no Brasil e outros países da América Latina (RIBEIRO, 2009).

## Considerações Finais

Este trabalho deriva de uma investigação de mestrado em andamento, cujo foco é a análise do pensamento da médica Paulina Luisi em relação ao movimento eugênico e à educação sexual, com vistas à compreensão de limites e possibilidades da personagem histórica para a Educação em Ciências. A análise é um exercício inicial de pesquisa histórica documental, que articula a importância do uso de documentos históricos do campo científico para a educação científica.

Destaca-se que após a análise dos textos, foi possível colocá-los em funcionamento numa disciplina de formação de professores de Biologia. Dentre as questões abordadas pelos estudantes de graduação, destacamos que muitos deles desconheciam a eugenia no âmbito da América Latina e estavam de acordo com os mitos destacados por Adams (1990). Além disso, se surpreenderam com a aparente atualidade do texto em relação às propostas para a educação sexual e poucos perceberam que elas tinham finalidades eugenistas. Em conjunto com as análises, esta experiência didática parece indicar que estudar a história da eugenia a partir do periódico pode contribuir para alguns dos objetivos propostos para a inserção da HFC na educação.

## Agradecimentos e apoios

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - através de: bolsa Professora Visitante Junior subprojeto Repositório de Práticas Interculturais/PPGECT/UFSC/PRINT (Mariana Brasil Ramos); e bolsa de Mestrado CAPES/PROEX no PPGECT/UFSC (Angelo Tenfen Nicoladeli).

## Referências

- ADAMS, Mark B. Toward a Comparative History. In: ADAMS, Mark B. (Org.). **The Wellborn Science: Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia**. New York: Oxford University Press, 1990.
- BATISTA, Renata F. M.; SILVA, Cibelle Celestino. A abordagem histórico-investigativa no ensino de Ciências. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 94, p. 97-110, 2018.
- BUENO, R.C.P.; RIBEIRO, P.R.M. História da Educação Sexual no Brasil: Apontamentos para reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 29, n. 1, p. 49-56, 2018.
- FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Autêntica, 2017.

- GIL-PÉREZ, D.; MONTORO, I. F.; ALÍS, J. C.; CACHAPUZ, A.; PRAIA, J. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência e Educação**, v. 7, n. 2, 2001, p. 125-153.
- KEHL, Renato. O Nosso Boletim: Instituto Brasileiro de Eugenia. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.1, 1929.
- KEHL, Renato. Algumas Palavras. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 1, 1930a.
- KEHL, Renato. O Problema da Educação Sexual. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 1-3, 1930b.
- LUISI, Paulina. Educação Sexual. **Boletim de Eugenia**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p. 3-5, 1930.
- MARTINS, Roberto de Andrade. Introdução: a história das ciências e seus usos na educação. In: SILVA, Cibelle C. (Org.). **Estudos de História e Filosofia das Ciências**: subsídios para aplicação no ensino. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2006.
- MATTHEWS, Michael Robert. History, philosophy, and science teaching: The present rapprochement. **Science & Education**, v. 1, n. 1, p. 11-47, 1992.
- MOURA, Breno Arsioli; SILVA, Cibelle Celestino. Critical and Transformative Teachers: A Rationale for History and Philosophy of Science in Teacher Education. In: PRESTES, Maria Elice de Brzezinski, CELESTINO SILVA, Cibelle (Org.). **Teaching Science with Context**. Springer: Cham. p. 3-13, 2018.
- OLIVEIRA, Cristiane. "Libertar o brasileiro de seu captivo moral": identidade nacional, educação sexual e família no Brasil da década de 1930. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 3, p. 507-516, 2012.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História** (São Paulo), v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- PEREIRA, Ana Isabel; AMADOR, Filomena. A história da ciência em manuais escolares de ciências da natureza. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 6, n. 1, p. 191-216, 2007.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, p. 129-140, 2009.
- RODRÍGUEZ ANTÚNEZ, Camilo. A cien años del primer plan y métodos de enseñanza sexual en el Uruguay. Sus vinculaciones con el discurso eugenésico. **Historia de la Educación**, v. 20, n. 2, 2019.
- SAPRIZA, Graciela. Ciencia, política y reforma social: esperanzas y conflictos de la primera médica del Uruguay, Paulina Luisi (1875–1950). In: JACINTO, Lizette; SCARZANELLA, Eugenia (Org.). **Género y ciencia en América Latina**: mujeres en la academia y en la clínica (siglos XIX–XXI), 2011.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Renato Kehl e a eugenia no Brasil**: ciência, raça e nação no período entreguerras. Paraná: Unicentro, 2019.
- STEPAN, Nancy Leys. **"The hour of eugenics"**: race, gender, and nation in Latin America. Cornell University Press, 1991.



TEIXEIRA, Izabel Mello; SILVA, Edson Pereira. EUGENIA E ENSINO DE GENÉTICA: DO QUE SE TRATA? **Revista Ciências & Ideias**, v. 8, n. 1, p. 63-85, 2017.

VIDAL, Diana Gonçalves. Educação sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930. In: DE SOUZA, Cynthia Pereira (Org.) **História da Educação**. Processos, práticas e saberes. São Paulo: Escrituras, p. 53-74, 2002.